

## **ABERTURA DA TEMPORADA 2005 DE MONTANHISMO NO RIO DE JANEIRO: NOTAS ETNOGRÁFICAS**

**Cleber Augusto Gonçalves Dias<sup>1</sup>**  
**Edmundo Drummond Alves Junior<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este é mais um trabalho que se desenvolve no âmbito do Instituto Virtual do Esporte (IVE), que tem como proposta fundamental a criação de uma rede de pesquisas científicas na área dos Estudos do Esporte. Especificamente neste trabalho, tivemos como objetivo buscar informações através de uma observação sistemática e participação direta no contexto pesquisado, neste caso, a Abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro, investigando as peculiaridades comportamentais desses esportistas, através de uma análise sobre suas formas de pensar e agir. Para tal, optamos por empreender um estudo etnográfico, que consiste num estudo interpretativo de aspectos sócio-culturais de um grupo específico. Mais precisamente elencamos três procedimentos metodológicos: a captura de falas discursivas através do estabelecimento de conversas informais, as quais somou-se a realização de entrevistas semi-estruturadas; a observação direta e sistemática dos acontecimentos e o registro fotográfico. Em linhas gerais, observamos que sua organização está assentada sob um paradoxo, proveniente do convívio entre o espírito anárquico dos praticantes com o caráter institucional das associações; entre a crescente mercantilização e a apologia de valores ecológicos. Os praticantes parecem motivados pela busca do desconhecido e da fusão comunitária, o desejo de estar em comunhão com o outro.

**Palavras-chaves:** Lazer; montanhismo; etnografia.

---

<sup>1</sup> Aluno da pós-graduação em Educação Física escolar – UFF Instituto Virtual do Esporte - FAPERJ  
Grupo de Pesquisa ANIMA – UFRJ Núcleo de estudos e pesquisas sobre esporte e sociedade – NEPEs -  
UFF

<sup>2</sup> Doutor em Educação Física-Universidade Federal Fluminense; Instituto Virtual do Esporte – FAPERJ;  
Grupo de Pesquisa ANIMA - UFRJ

## INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolve-se no âmbito do Instituto Virtual do Esporte (IVE), que tem como proposta fundamental a criação de uma rede de pesquisas científicas na área dos Estudos do Esporte, a partir de uma perspectiva multidisciplinar. É no interior dessa rede de pesquisadores que temos desenvolvido alguns estudos sobre o fenômeno sociocultural dos esportes na natureza (ALVES JUNIOR e DIAS, 2005), sendo este mais um fruto dos esforços que têm sido empreendidos no sentido de aprofundar a compreensão dessas práticas na cidade do Rio de Janeiro.

A elaboração desse trabalho partiu do pressuposto de que qualquer sistema cultural é um contexto formado por símbolos interpretáveis, os quais podem ser descritos de forma compreensível (GEERTZ, 1989). Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho foi buscar informações através de uma observação sistemática e participação direta no contexto específico pesquisado, nesse caso, a Abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro. O propósito era investigar as peculiaridades comportamentais desse “recente” fenômeno esportivo, investigando a forma de pensar e agir desses esportistas. A obtenção e subsequente elaboração desses dados se deu através de uma pesquisa de campo de caráter antropológico, mais especificamente numa abordagem qualitativa de base etnográfica interpretativa.

A descrição etnográfica que agora apresentamos, é fruto de uma incursão preliminar, e uma continuidade de outros contatos e “penetrações” que já havíamos estabelecido em outras oportunidades com essa mesma tribo urbana. Mas por conta desta brevidade, este estudo não preenche totalmente nossos anseios etnográficos e não assume, por isso mesmo, contornos conclusivos; ao mesmo tempo em que nos oferece novas questões e problematizações a serem aprofundadas ao longo das subsequentes investigações que estão em andamento no âmbito do IVE. Assim sendo, julgamos úteis torná-lo público com o intuito de oferecer uma singela contribuição aos estudos que vêm acontecendo sobre essa modalidade.

## **METODOLOGIA**

A compreensão dos sentidos de uma determinada prática cultural é sempre um trabalho árduo e invariavelmente audacioso. Pois em meio às relações sociais são incontáveis os elementos que podem incidir na formação das subjetividades que, serão alvos da investigação etnográfica. Compõem um número tão grande que é quase impossível dar conta de apreciá-las meticulosamente, como é exigido pela própria natureza dos trabalhos científicos. A ação desses grupos se dá em função de suas crenças, percepções, sensibilidades e valores, da sua cosmologia em geral, e por isso mesmo seu comportamento tem um sentido cujo significado somente pode tentar ser inferido, com alguma fidedignidade, dentro dessa tradição interpretativa, daí nossa opção em lançar mão de um estudo etnográfico como método.

Um estudo etnográfico consiste num estudo descritivo e interpretativo de um ou mais aspectos sócio-culturais de um grupo específico que procura descobrir como se constroem e se desenvolvem determinadas práticas e valores culturais. Assim sendo, esse estudo pode, e deve ser compreendido como mais uma tentativa no esforço de coletar e tratar dados empíricos no âmbito do esporte.

Esse tipo de estudo presume a penetração nesse universo cultural, numa tentativa de familiarizar-se com as normas e valores que orientam as ações do grupo investigado. A essa penetração seguiu-se uma interpretação desses padrões culturais, que estão incorporados nos seus discursos e ações. E no intuito de alargar as possibilidades de acesso ao universo de significações desse grupo, decidimos utilizar como procedimento metodológico, mais precisamente, três elementos de um estudo etnográfico: a captura de falas discursivas através do estabelecimento de conversas informais, as quais somou-se a realização de entrevistas semi-estruturadas; a observação direta e sistemática dos acontecimentos e o registro fotográfico.

A captura das falas discursivas é mais uma tentativa de decifrar a percepção retida no pensamento. Uma das categorias chaves para tratar o campo das idéias é a consciência, que por sua vez se manifesta, não tão somente, mas também pela linguagem que é uma das maneiras de expressar o

pensamento e os sentimentos. Nesse caso as “técnicas verbais” acabam se impondo como material de trabalho, sendo elas as técnicas mais comumente empregadas, tornando-se, por conseguinte, instrumentos potenciais dessas análises que buscam a interpretação da realidade; e mais precisamente, a compreensão de como e porque os escaladores agem de determinada maneira. Contudo, a tentativa de compreender os sentidos vinculados pela fala por intermédio da análise do discurso, deve salvaguardar o fato de que a subjetividade não pode ser reduzida somente à linguagem.

A expressão de todo esse universo simbólico é altamente complexa, e tentar interpretá-la presume, primeiramente, reconhecer a sua complexidade. Nesse sentido, parece-nos fecundo a realização dessas análises numa perspectiva polifônica, cujo tipo de interpretação considera ao mesmo tempo, as fontes dialógicas explícitas e implícitas. E o que buscamos aqui, é a articulação desses procedimentos etnográficos; dessas duas fontes dialógicas, pois reconhecemos que ambas constituem fontes documentais alternativas e muito ricas para uma etnografia, e alguns estudos já têm sido realizados nesta perspectiva (LIMA e SANTO, 2004). Além do mais, discursos e ações não são realidades que se opõem, mas formas diferentes e complementares de expressão de um mesmo universo simbólico, e por isso mesmo, um estudo etnográfico não pode deles prescindir, mas ao contrário, deve estar concomitantemente vinculado a esses dois elementos no tratamento das suas informações.

Por fim, acrescentemos um terceiro instrumento: o registro fotográfico. A fotografia é uma espécie de testemunho; um registro físico e material da nossa identidade coletiva e que conta um pouco sobre nós, revelando nossa história e apresentando nossa diversidade cultural; um “suporte da memória”, que pode facilmente potencializar-se como registro etnográfico.

## **DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA E TRABALHO INTERPRETATIVO**

O trabalho interpretativo de uma descrição etnográfica deve ser minucioso, preocupando-se com a fidelidade da cena que está sendo relatada, e é dessa maneira que tentamos conduzir esse estudo.

Domingo, dia 01 de maio de 2005, feriado do dia do trabalho, aconteceu a abertura oficial da temporada de escalada do Rio. A narração dessa cena esportiva é muito elucidativa para a compreensão dos significados e sentidos dos aspectos sociológicos e antropológicos dessa modalidade esportiva.

A começar pela dimensão temporal. O motivo pelo qual os montanhistas elegem essa data, ou esse período é bem claro: condições climáticas e meteorológicas. Como nesse período do ano a temperatura ambiente tende a ser um pouco mais amena, se comparada às outras estações, sobretudo o verão, e as montanhas rochosas do Rio, por consequência, encontram-se em temperaturas menos elevadas, o que torna a escalada mais agradável e bem menos tortuosa.

A influência do ambiente é, na verdade, a marca desse tipo de esporte, onde a natureza estabelece as regras e as condições de prática, e delimita os limites da aventura. Provavelmente por conhecerem bem de perto esses limites, fruto de um íntimo e constante contato, é que os montanhistas proclamam em alto e bom som seu apego afetivo e incondicional respeito pela natureza. Logo, não é de se surpreender que no dia da abertura, um enorme contingente de escaladores se confraternizavam alegremente, mesmo tendo que enfrentar uma chuva que em alguns momentos era torrencial.

Mas a bem da verdade, a abertura da temporada de montanhismo, presta-se tão somente a ritualizar simbolicamente o início do período de escaladas, já que em nenhum período do ano chega a ser interrompida por motivo algum. O que nos habilita a tratar desse dia como uma “ritualização festiva”. Dumazedier, citado por Souza (2004), fala-nos especificamente que “as festas acontecem num tempo ritualizado, com datas fixas, seja por acontecimentos naturais, como as estações do ano, ou sociais como acontecimentos e lendas” (p.76).

## **SIMBOLISMO TERRITORIAL**

O local em si, onde ocorreu essa festividade, também já nos dá algumas pistas para interpretação desse recente fenômeno social que são os esportes na natureza. Na praça General Tibúrcio, situada em frente à histórica Praia Vermelha, exatamente entre o conjunto do Morro da Urca – Morro do Pão de

Açúcar por um lado, e da Pedra da Babilônia por outro, que juntas formam um complexo de montanhas com uma incomensurável representatividade simbólica para qualquer escalador, sobretudo os cariocas. Com uma enorme quantidade de grampos fincadas em suas rochas, cujo número está em mais de 270 vias e variantes de escalada em rocha catalogada, de acordo com Daflon e Queiroz, (2002, p.7), esse complexo constitui uma das maiores escolas de montanha do Brasil; um verdadeiro parque de diversões para os que por ali ousam aventurar-se.

Numa área de fluxo central do bairro da Urca, um elegante, abastado e quase aristocrático bairro da Zona Sul do Rio, a praça General Tibúrcio já há algum tempo transformou-se em ponto de encontro desses esportistas, uma espécie de acampamento base, local de encontro que antecede os ataques ao pico dessas montanhas. Essa localização geográfica, num bairro tradicionalmente ocupado pela classe média alta, já nos dá uma breve dimensão do caráter seletivo que permeia essa modalidade. A exigência por um aparato tecnológico super desenvolvido, que ao mesmo tempo em que lhe garante a segurança necessária, também permite um aumento expressivo nas possibilidades performáticas durante a escalada. Entretanto, isso tem um preço, por sinal, um preço muito alto, já que o custo dos equipamentos necessários para sua prática é exorbitante. Tudo isso, parece corroborar para um quadro de 'elitização' do montanhismo, onde apenas as classes sociais economicamente privilegiadas têm condições de acessá-lo, criando um perfil homogêneo dos seus praticantes, ao menos no que diz respeito ao aspecto econômico. Entretanto, ainda não possuímos dados empíricos suficientes para confirmar ou refutar essa hipótese, que por ora, deve ser compreendida apenas como uma hipótese.

Chamamos atenção para o fato de que a riqueza simbólica desse território, não pode ser vista considerando-se apenas suas dimensões utilitárias, como por exemplo, sua proximidade às sedes dos clubes e associações de montanhismo, pois a prática cultural desse esporte é, como um todo, impregnada por uma espécie de intencionalidade zero; uma negação à razão prática e utilitarista e um subsequente dimensionamento estético.

Se centrarmos nossa análise para além do bairro da festa esportiva em questão, expandindo nossa observação do espaço para a cidade como um

todo, desembocaríamos em um quadro urbano peculiar, pois o Rio é uma megalópole que, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2005), conta com quase 6 milhões de habitantes, amontoados em 1.264 km<sup>2</sup>, o que significa dizer que a cidade possui uma densidade populacional absurda, algo que gira em torno de 4.420 hab. /km<sup>2</sup>, ocasionando problemas urbanos corriqueiros a qualquer cidade dessa proporção, tais como a lentidão de um trânsito cada vez mais caótico, ritmo frenético imposto pelo trabalho estonteante; todos elementos próprios de uma grande cidade. Características essas que, somadas, acabam estrangulando o tempo disponível para as vivências de lazer. Dito de outra forma: acaba estrangulando possibilidades de busca pelo prazer fora dos circuitos de consumo. Neste quadro, estar em contato com a natureza pode assumir uma dimensão de fuga do mundo cinzento marcado pela obrigação e pelo compromisso, enfim, pela ética do trabalho.

Caso aceitemos a relação entre o crescente progresso urbano e o subsequente desencadeamento da busca pelo prazer, que em outras palavras é a “busca por um outro estado de coisas” (MAFFESOLI, 2001) ou uma outra forma de viver, com outros valores, poderemos então arriscar dizer, que os escaladores, de uma certa forma, almejam esse outro estado de coisas. O que também até agora, só constitui mais um ponto de investigação.

Aliás, as festas são, e sempre foram, tempo/espacos destinados aos excessos e as euforias coletivas. Para confirmar esse argumento, basta nos remetemos rapidamente a Antiguidade Greco-Romana para lá encontrarmos menções a Baco, Pã e Saturno, os deuses das festas abundantes (CATELLI JUNIOR, 1999, p.53).

As festas são momentos de esquecimento e fuga do cotidiano; de subversão da ordem estabelecida. É o momento de admitir o inadmissível; é o momento de negar a onipresente ética do trabalho que não cansa de propagar seus repugnantes ideais de abstenção e de privação. É o espaço conclamado a inverter e alterar os tabus do mundo cotidiano e colocá-lo do avesso, rompendo as interdições moralistas e hierárquicas. A dureza da vida diária é substituída pela generosidade; o rancor pela alegria; a escassez pela abundância; o comedimento pela histeria, e nesse caso, as inescapáveis e rígidas leis da gravidade pela lúdica e excitante inversão vertiginosa do corpo.

A prática de montanhismo em si mesmo, independente do encontro de caráter festivo tal como a Abertura da Temporada é uma festa. Nessa prática, as ações são orientadas pela busca de um prazer estético (VILLAVARDE, 2001). A liberdade do lúdico só é possível enquanto a incerteza não tiver sido totalmente domesticada, mantendo-se viva e acesa. Pois o risco, a incerteza, o desafio e a aventura é que fazem o homem desejar e envolver-se de maneira tão intensa com essas atividades (SOUZA, 2004).

Numa sociedade altamente regrada e regulamentada, onde podemos assistir a ampliação da submissão das esferas sociais aos critérios de decisão racional, numa característica marcante da modernidade (HABERMAS, 2001), as vivências lúdicas e de lazer não têm muito espaço, a não ser quando devidamente enquadradas e incorporadas no domínio do controle instrumental da razão. Por isso mesmo, momentos como esses, marcam a invasão inesperada do impulso lúdico. A consolidação dessa pré-disposição lúdica é uma espécie de escapada cotidiana que nos fala Certeau (2004); uma espécie de evasão do cotidiano rotinizado, ou seja, é a materialização dos aspectos irracionais e obscuros do instinto humano.

A suspensão do tempo contínuo da vida diária é a marca dessa temporalidade cíclica própria dos momentos festivos e efervescentes, onde as sensações e emoções são vivenciadas com extrema intensidade (MAFFESOLI, 2003). Os ritos em geral, são instâncias sociais que se prestam a vivências emocionais extremas, tal como o montanhismo. Por isso, não é de estranhar que esse tipo esporte esteja impregnado de ritos cerimoniais.

## **OS BANDEIRANTES PÓS-MODERNOS: TRIBOS URBANAS**

Um outro elemento facilmente identificável, é que os escaladores incorporam uma maneira muito peculiar de ser. “Sinais tribais de reconhecimento”, diria Maffesoli (2001), com mochilas, botas, todo um vestuário e indumentárias características, quase um uniforme, além dos jargões de linguagem que testemunham o pertencimento a uma vida em grupo, coletiva, tribal, em que se compartilha uma mesma identidade.

Identidade tribal que pode ser identificada à distância. Uma experiência ilustrativa nesse sentido é a do nosso percurso até o bairro da Urca, que



realizado de ônibus, permitia além da contemplação da paisagem, que é magnífica, uma observação estreita com outras pessoas que se dirigiam ao mesmo local, com objetivos dos mais diversos. Contudo, nossa aprazível viagem também contou com a presença marcante de um grupo de pessoas que se diferenciavam das demais. Ficou evidente que se tratava de integrantes dessa tribo urbana, com todos seus apetrechos e penduricalhos à mostra.

Essa vida tribal se consolida exatamente no desejo de estar em contato com o outro, que na esteira da sensibilidade ecológica, por sinal marcante nessas práticas e manifesta nas incontáveis mensagens distribuídas ou apenas exibidas pelas associações, chamando à atenção para a necessidade de preservação das encostas, que pode personificar-se inclusive, na natureza; ou mais especificamente nesse retorno ao território místico e fascinante representado pela montanha, que se tornaram atualmente, territórios e paisagens irresistivelmente atraentes e fascinantes (MACFARLANE, 2005).

Mas para não nos determos excessivamente nessa possível re-ligação com a natureza, mencionaremos um outro aspecto que da mesma forma reafirma essa busca pelo contato e se sobressai mesmo ao observador mais displicente: o profundo interesse desses aventureiros em se confraternizar.

O encontro com outros montanhistas parece despertar um sentimento de pertencimento, que como consequência desencadeia uma alegria pelo encontro com a coletividade. As vivências corporais no esporte apresentam, invariavelmente, aspectos socializados, “que pela sua amplitude e estabilidade, adquiriram direito de cidade na vida coletiva” (FEIO, apud. BETTI, 1998, p.93) cuja eminência social se potencializa exatamente nessa "cúmplice ressonância" (ibid.), que é o prazer de ter satisfeito a necessidade de ser visto e de compartilhar as presenças atentas e simpáticas de outras pessoas, de estar, finalmente, vivendo em comunidade.

Muito mais que uma simples diversão, é uma vivência coletiva. Pois os momentos festivos contêm uma característica essencialmente coletiva, numa união passageira e momentânea, que não possui nenhuma intenção a não ser o próprio prazer da comunhão.

Isso se torna tão mais evidente em “jogos vertiginosos”, que nada mais são do que jogos que permitem experimentar, ao menos temporariamente, transtorno de estabilidade e de equilíbrio corporal, através de sensações de

susto e pânico psicológico (CAILLOIS, 1990), como é o caso dos esportes na natureza em geral e do montanhismo em especial. Mas não fosse a presença do outro, esse pânico psicológico poderia tornar-se desagradável, ou mesmo insuportável. Nas palavras de Caillois (ibid.), “o grupo é cúmplice dessa epilepsia, dessas convulsões sagradas” (p.108).

A aventura pode tornar-se nesse caso, além do saciamento das tentações primitivas expressos nessa necessidade humana de vertigem; da busca pelo desejo lúdico e de embriaguez, apenas o pretexto para a almejada fusão comunitária. O que já de antemão pode ajudar a desmentir os que propagam que nessas práticas reside um ideal egocêntrico e individualista atribuído ao simples fato desses esportes poderem ser vivenciados individualmente. Alguns estudos têm demonstrado que a maior parte dessas vivências organizam-se em pequenos grupos (COSTA, 2000) o que pode ser atribuído ao fato de que em micro grupos é mais provável o estreitamento dos laços afetivos, ou em outras palavras, o vínculo fraternal é vivido mais intensamente. Logo, o montanhista pode em alguns momentos ser solitário, mas não isolado, pois eles são tomados por uma predisposição tanto à aventura quanto ao encontro.

Esses dados empurram-nos rumo a uma discussão sobre o espírito do nosso tempo. Discussão que é travada atualmente entre os defensores da continuidade ante a conjuntura da modernidade, por um lado, e os apologistas da pós-modernidade por outro. No caso do primeiro grupo, encontramos prerrogativas de que o tempo e o espírito social contemporâneo não possibilitaria mais a conglomeração e aglomeração física, num tipo de desligamento imobilizante, individualista e egocêntrico do corpo coletivo como afirma Sloterdijk (2002):

A massa não reunida e não reunível na sociedade pós-moderna não possui mais, por essa razão, um sentimento de corpo e espaço próprios; ela não se vê mais confluír e agir, não sente mais sua natureza pulsante; não produz mais um grito conjunto. Distancia-se cada vez mais da possibilidade de passar de suas rotinas práticas e indolentes para um aguçamento revolucionário. Seu estado corresponde ao de um grupo gaseiforme cujas partículas oscilam cada uma por si em espaços próprios, com respectivas cargas próprias de força de desejo e negatividade pré-política, e cada uma por si resistindo diante dos receptores de programa, renovando a dedicação à tentativa solitária de levar-se ou divertir-se (p.21).

Nesse sentido, devemos deixar registrada uma fala, que nos parece muito esclarecedora. Ao expor as razões que o faziam envolver-se de tal maneira ante a organização de uma associação de montanhismo, um escalador nos deixou claro que o motivo de tal nível de envolvimento, que se diga em tempo, parece requerer consideráveis doses de empenho e abdições, era o desejo de estar junto com outros escaladores. O gosto de se misturarem, os conduz a alguns 'ritos cerimoniais', tal como, por exemplo, uma animada conversa regada à cerveja, da qual além de lançarmos uma atenta observação antropológica, tivemos oportunidade de solidariamente compartilhar, lembrando-nos que a participação é uma condição *sine qua non* para uma investigação etnográfica, onde a análise está invariavelmente vinculada a nossa experiência pessoal, como nos esclarece Barbosa (2001):

Uma pesquisa não se concretiza no plano transcendental ao do pesquisador, como se estivesse acima das atividades comuns [...] como sujeito contemporâneo, inserido em uma sociedade específica, o pesquisador irá refletir em seu trabalho de pesquisa, os valores e os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Poderíamos dizer que os pressupostos que orientam o pensamento do pesquisador vão também nortear sua abordagem de pesquisa (p.60).

## **ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO E MERCANTILIZAÇÃO: CONFLITO ESTRUTURANTE**

Os esportes na natureza parecem forjar uma representação que lhes codifica como sendo de um tipo de organização anárquica, própria ao espírito desbravador, transgressor e aventureiro que seus praticantes assumem aos olhos da sociedade. Entretanto um observador mais atento logo percebe que entre eles predomina um nível altamente elaborado e complexo de organização, podendo mesmo, numa especulação mais ousada, ser tida como burocrática. Para se ter uma idéia do nível de complexidade assumido neste evento contou com uma grande operação de infra-estrutura, que incluía a contratação de uma empresa especializada responsável por toda a organização da estrutura operacional; a *Green Company*. Essa estrutura que incluía também: aparelhagem de som; um sem número de barracas distribuídas entre os clubes de montanhismo e lojas especializadas em equipamentos de escalada; além de todos os tramites burocráticos que disso

decorrem, tais como autorização na prefeitura para uso do espaço e solicitação de apoio da Polícia Militar, dentre outros procedimentos; dá uma idéia aproximada do que estamos falando.

Também não chega a ser surpreendente o crescente interesse da indústria do entretenimento sobre esse setor, que tem como atrativo adicional o fato de congregarem num mesmo tempo dois tipos distintos de mercado consumidor: o mercado verde e o mercado esportivo. Esse interesse que está expresso na marcante presença das lojas de equipamentos esportivos, como a “equinox” e a “casa do alpinista”; das indústrias de equipamentos como a “trilhas e rumos”, “black diamond”, “snke”, “timberland”, “lanex”, “solo”, “singingrock”, só para citar alguns exemplos; além das agências de turismo e toda sua rede de serviços que apelam sem nenhum constrangimento para o ímpeto desbravador e o desejo de consumo da paisagem e do lugar de que são dotados esses ‘bandeirantes pós-modernos’.

A título de exemplo, vamos aqui nos reportar a uma barraca que muito nos chamou atenção, a do Governo da Paraíba! Já uma primeira visualização dava a idéia do que estaria por vir, onde se podia ler: *“Paraíba, na rota do ecoturismo”*, de maneira que perpassavam por todas as suas propagandas esse apelo à aventura em um lugar desconhecido, consolidando o valor de repúdio a qualquer tipo de territorialização pré-estabelecida, pedra angular na formação das identidades desses ‘andarilhos nômades’, além do contato com uma natureza intocada, dizendo *“Cariri: aqui as trilhas se abrem através de pedras gigantescas, inscrições milenares, mistérios desenhados na terra do sol. A pé ou a cavalo, o caminho está para ser descoberto”* e mais adiante se encontrava: *“litoral agreste, um mar verde, de mata atlântica, a imensidão do oceano atlântico, cordas, bikes, oxigênio, adrenalina, desafios. A aventura está começando”*.

Daí a supervalorização ao mundo verde, a natureza intocada, a via não escalada, ao lugar desconhecido. Supervalorização que se torna ainda mais evidente na fala de um montanhista presente na festa da abertura, colhida numa rápida conversa, onde podemos constatar que além dessa valorização, essa tribo, em geral, vê com maus olhos o praticante que não está totalmente imbuído desse mesmo espírito desbravador. Por exemplo, quando indagado sobre a realização ou não de uma preparação especificamente voltada para

uma melhora no desempenho das suas escaladas, nos revela que esta inclui corridas matinais, musculação, controle nutricional dentre outros procedimentos. Ainda segundo ele, todo esse esforço empreendido é proporcional ao tamanho dos desafios impostos pela via de escalada desconhecida e por isso mesmo tamanho empenho seria justificável, onde se subentende que esse mesmo desconhecimento agrega uma crescente dificuldade e mais a frente fustiga em tom um tanto quanto depreciativo: *“Tem gente que se contenta em escalar sempre a mesma via!”*.

Tudo isso explica, ao menos em parte, o que podemos perceber através de algumas rápidas conversas, com alguns escaladores, especialmente aqueles que ocupam cargos nas diretorias dos clubes e federações, que se negam a assumir o caráter amador dessa modalidade, dado o nível de organização institucional em que se encontram, que de fato, é notável!

Esse quadro paradoxal proveniente da colisão e do convívio antagônico entre o espírito anárquico e subversivo dos praticantes com o caráter institucionalmente burocrático assumido por essas associações esportivas; são ares dos novos tempos, e que de maneira mais profunda, expõe de forma clara a dualidade e ambivalência inexorável à estruturação social. Trata-se do convívio dos elementos opostos em um mesmo espectro social, que nada mais é, do que a aceitação e o reconhecimento da complexidade e ambigüidade intrínseca a todo e qualquer fato social. Ambigüidade que não deve ser compreendida como

[...] falha, defeito, carência de um sentido que seria rigoroso se fosse unívoco. Ambigüidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura sendo, elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas que, como dizia Merleau-Ponty, somente serão alcançadas por uma racionalidade alargada, para além do intelectualismo e do empirismo. (CHAUÍ, apud. BRACHT, 2003, p. 122.).

## **MONTANHISMO E ECOLOGISMO**

Cabe-nos agora, retomar um assunto que tem sido central, em quase todos os esforços em analisar esses esportes: sua relação com o Meio Ambiente. Antes de tudo, a mudança do ambiente de prática, observada nesses esportes, além de os caracterizarem, lhes impõe um número razoável

de rupturas e reordenamentos se comparados com os esportes ditos tradicionais. Nesses últimos, prevalece um espaço de jogo totalmente domesticado, o que os marca por uma *previsibilidade espacial*, ou dito de outra forma, a quadra, a pista ou o campo se apresentarão sempre, e invariavelmente, nas mesmas condições e nas mesmas dimensões.

Já no caso dos esportes na natureza, prevalece um tipo de espaço esportivo, marcado pela imprevisibilidade, onde não se sabe, ao menos com o mesmo rigor observado nos esportes anteriores, como esse espaço vai se apresentar à prática. Por isso devemos insistir um pouco mais: a influência do ambiente é uma das marcas fundadoras dos esportes na natureza. É nisso que reside suas peculiaridades.

Tentamos identificar os desdobramentos disso sobre o montanhismo a partir da observação e posterior constatação de que, dentre os praticantes predomina um pacto ecológico, ao menos oficialmente, ou seja, é essa a postura das associações, que em todo momento faziam lembrar que no montanhismo reside um ideal de sensibilidade ecológica.

De fato, a popularização e consolidação dos esportes na natureza na cena esportiva carioca, se seguem à deflagração do movimento verde em âmbito mundial, que ocorre a partir do final da década de 60, onde após a fase de simples denúncia da degradação ambiental, seguiu-se uma crítica mais profunda que ficou conhecida como ecologia radical, assumindo um cunho político-filosófico e passando a reclamar por uma outra forma de vida; uma outra racionalidade; um outro sistema de valores culturais.

A incidência dessas preposições sobre esse tipo particular de esportista é bem óbvia, sobretudo no montanhismo e no surfe. Pois em ambos os casos, os praticantes encontram-se em contato íntimo e subjetivo com a natureza durante a prática, o que ajuda a forjar no imaginário popular uma representação da postura preservacionista dos adeptos a esses esportes.

Não pretendemos aqui desmentir ou confirmar essa idéia. Nos limitaremos, conforme podemos observar nessa incursão preliminar ao universo montanhista, a dizer que os praticantes de escalada em rocha *parecem* ser dotados de um espírito contestador à ordem; impelidos a uma fuga da cinzenta rotina cotidiana; desejosos por uma outra forma de vida. Mas por enquanto, isso assume ares de *aparência*, pois o contato que tivemos

durante essa festa esportiva ainda representa muito pouco, e não preenche totalmente nossos anseios etnográficos. Nesse caso, assumir posições ou realizar análises conclusivas nos parece no mínimo precipitado. Ao mesmo tempo esses dados não são insignificantes como podem parecer para um observador social desatento. Pois tudo isso nos remete a uma questão, que inclusive é pertinente às próprias indagações ecológicas: é possível viver sob outro arranjo civilizacional diante do atual estágio neoliberal? É possível levar uma vida pautada sob valores culturais que abdicam dessa cultura do excedente e da super produção em prol de uma vida mais simples? Ou ainda, as manifestações culturais que se auto-rotulam “alternativas”, são formas de resistência, subversão, rebeldia, contestação e revolução dos costumes ou são apenas formas de dominação diferenciadas e originais?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A lenda de Ísis e Osíris nos lembram que há um tempo de euforia, breve e intenso, seguido de um tempo de resignação, longo e metódico (CATELLI JUNIOR, 1999). Lembra-nos a todo instante que não há abundância sem carência, riqueza sem pobreza, o que reitera a proposição teórica, de que só é possível compreender os rituais de inversão a partir da observação do seu oposto, o que, por sua vez, acaba reafirmando a tese, já há muito debatida, de que a partir desses momentos podemos aprofundar as reflexões sobre a vida social mais geral. Esses momentos ritualísticos de inversão tentam, a duras penas, nos exhibir o paroxismo contemporâneo, “algo que hoje se torna uma realidade incontornável: o trabalho não é mais o valor essencial [...] hedonismo generalizado, selvageria latente, animalidade serena” (MAFFESOLI, 2004, p.14-15).

Relembrar a idéia de que o homem tem pré-disposição para o lúdico e para a errância, e de que esses elementos configuram constantes antropológicas, já não é nenhuma novidade. A vivência desses aspectos que consideram o ser humano em sua totalidade estruturante; nas suas dimensões irracionais e que reconhecem os poderes dos afetos, dos sentidos, da subjetividade e da imortal memória de nossa animalidade parecem propagarem-se na sociedade contemporânea, e oferecem-nos a prerrogativa

teórica que a contradição, o conflito e o paradoxo são elementos estruturantes da nossa vida.

Ao nosso leitor, não deve incomodar o caráter inconclusivo que em muitos momentos perpassa esse breve estudo, o que verdadeiramente importa reter, é que a crescente disseminação dessas práticas corporais ainda que estejam reconhecidamente circunscritos a uma camada da população muito reduzida, os que em outras palavras significa dizer que as camadas mais populares não têm as mesmas oportunidades de acesso e usufruto dessas possibilidades de lazer, podem assim mesmo, significar uma pequena possibilidade de ressignificação ante a um processo de galopante desmantelamento e destruição da vida na esfera pública, especialmente nos grandes centros urbanos, como é o caso do Rio de Janeiro. E o que é mais preocupante no âmbito dos estudos do lazer: o desdobramento disto na dissolução das formas públicas de lazer (MELO, 2003). Ou seja, trata-se da diminuição dos momentos de lazer vivenciados coletivamente e que por isso mesmo, mais propícios ao convívio social, ao contato pessoal e a interação afetiva. Evidentemente este quadro representa um retrocesso, ou na melhor das hipóteses, um impacto paralisante e estagnador, nas desejáveis maneiras de organização de redes múltiplas, coletivas, pessoais e diretas de sociabilidade.

O que de fato, fica comprovado quando observamos a definitiva incorporação dos esportes à lógica de funcionamento do mercado, sobretudo na sua infinita movimentação de toda uma indústria de consumo e de entretenimento. A necessidade de utilização de um sem número de equipamentos de alta tecnologia, que são eles próprios, descendentes diretos desse tipo de organização social pautada na cultura do consumo dá provas disso, no âmbito dos esportes na natureza. A produção dessa cultura esportiva não foge a quase inevitável produção de produtos padronizados, que é sempre acusada como causa desta mercantilização e coisificação das relações pessoais.

Contudo, nessa penetração no universo simbólico dos esportes de montanha, que acabamos de apresentar, podemos constatar que ao lado destes elementos mercadológicos e consumistas, convivem paradoxalmente, elementos de interação afetiva e comunitária, lembrando-nos que a indústria



cultural também permite fluxos de intercâmbio. Os vínculos afetivos e fraternais, assim como as redes de sociabilidade são muito mais sólidas e consistentes do que a simples busca por um gozo ilusório e momentâneo. E o caráter mobilizador destas atividades, expressos no observável desejo de comunhão com o outro, podem sim, constituir-se em canais de resistência, articulando consumo à reflexão.

## THE OPENING OF THE 2005 SEASON OF MOUNTAINEERING IN RIO DE JANEIRO: ETHNOGRAPHICAL NOTES

**Abstract:** This work is one of the many developed in the scope of the Instituto Virtual do Esporte (Virtual Sports Institute – IVE), which main purpose is the creation of a network of scientific research in the area of Sports Studies. In this specific work, the acquisition of data was obtained through a systematic observation and direct participation in the Opening of the Rio de Janeiro Mountaineering Season, investigating the behavioral peculiarities of the sportsmen in an analysis of their thinking and acting strategies. To do so, we chose to perform an ethnographical study that consists of an interpretative study of the sociocultural aspects of a particular group. Three methodological procedures were selected: the capture of the discourse speeches through informal dialogues, which were added by semi-structured interviews; the direct and systematic observation of events; and the photographic data. Overall, it was observed that their organization is based on paradoxes originated in the dialogue between the anarchic spirits of the mountaineers and the institutional nature of the associations, and between the increasing mercantilization and the defense of ecological values. The sportsmen involved seem motivated by the search for the unknown and the desire of being with each other, of forming a community.

**Keywords:** Leisure, mountaineering, ethnography.

### REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, E. D. e DIAS, C. A. G. Surfe e esportes na montanha: sua prática na cidade do Rio de Janeiro. In: VI Seminário Lazer em Debate, 2005, Belo Horizonte. **Coletânea do VI Seminário Lazer em Debate**. Belo Horizonte: Celar/UFMG, 2005. v. 6. p.129-137.

BARBOSA, C. L. A. **Educação física escolar**: as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 2.ed. rev. Ijuí: unijuí, 2003

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em [www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br). Acesso em 15/06/2005.

CALLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovia, 1990.

CATELLI JUNIOR, R. **Um olhar sobre as festas populares brasileiras**. IN DEL PRIORE, Mary [et.al.]. 500 anos de Brasil: história e reflexões. São Paulo: Scipione, 1999. p. 51-63.

CERTAEU, M. **A invenção do cotidiano**: A arte de fazer. 10.ed. São Paulo: Vozes, 2004.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

**Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.2, n.1, janeiro/junho, 2006.

DAFLON, F.; QUEIROZ, D. **Urca**: guia de escalada. 3.ed. Rio de Janeiro: Montcamp, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 2001.

LIMA, P.; SANTO, W. R. E. O corpo no Brasil do século XIX: as literaturas machadiana e naturalista como registro etnográfico. IN: VIII ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Anais...** Niterói, RJ: UFF/GEF, 2004. p. 255-258.

MACFARLANE, R. **Montanhas da mente**: história de um fascínio. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **O instante eterno**: retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.

\_\_\_\_\_. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MELO, V. A. de. A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural. **Licere**, Belo Horizonte, ano 5, n.2, 2003.

SLOTTERDIJK, P. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

STTIGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados/CBCE, 2002.

SOUZA, F. R. **O imaginário no rafting**: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem. São Paulo: Zouk, 2004.

VILLAVERDE, S. Corpo, lazer e natureza: elementos para uma discussão ética. IN BRUHNS, Heloísa T. & GUTIERREZ, Gustavo L. **Representações do lúdico**: II ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas, SP: autores associados – comissão de pós-graduação de faculdade de educação da UNCAMP, 2001.

WERNECK, C. L. G., STOPPA, E. A. e ISAYAMA, H. F. **Lazer e mercado**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

**Recebido em: 03/08/2005.**

**Aprovado em: 18/04/2006.**

Cleber Augusto G. Dias  
Email: [tiocleber@aol.com](mailto:tiocleber@aol.com)  
Edmundo Drummond Alves Junior  
Email: [drummond@bighost.com.br](mailto:drummond@bighost.com.br)